

UMA “LÍNGUA” PARA CADA SITUAÇÃO: APRENDENDO A ESCOLHER E COMBINAR FORMAS



Darcilia Simões

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Seleprot
Associação Internacional de Linguística do Português-AILP*

Afrânio da Silva Garcia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Seleprot

Resumo: *Sistema, norma e uso* é um conhecimento necessário aos diversos campos do saber. Por exemplo, materiais disponíveis (sistema) para a construção civil; há aplicações específicas (norma) do material aos tipos de edificação, assim como estes deverão ajustar-se a(o) terreno, clima, finalidade (uso) etc. Assim sendo, entre o possível e o adequado há normas. Na língua não é diferente. As variedades linguísticas implicam entender as escolhas e combinações mais apropriadas às situações comunicativas. O ensino da gramática entendido como ensino exclusivo do uso culto e desrespeito à variação é um grave equívoco o qual que vimos tentando desfazer com atividades como: (a) identificar a variedade de enunciados como: (a.1) *O servidor solicitou afastamento por encontrar-se enfermo.* (formal); (a.2.) *O homem foi à UPA cheio de dores.* (popular); (a.3.) *U ômi tava ca molesta da baxa da água e foi vê o dotô.* (regional). (b) reescrever enunciados simulando um falante específico, como: locutor esportivo, médico, policial, advogado etc. Atividades aplicáveis a todo falante, pois o preparam para interagir em qualquer situação. Por meio de enunciados reais, identifica-se a variedade linguística e descrevem-se as formas em comparação com a norma culta. O trabalho é subsidiado por: Halliday, gramática funcional (2004), Simões, iconicidade verbal (2009) e Travaglia, ensino plural da gramática (2003). Pelos resultados obtidos, supomos ser uma contribuição relevante para a área.

1. Introdução

Nossas reflexões se iniciam considerando que as atividades humanas carecem de planejamento e, para tanto, exigem dos indivíduos o domínio de elementos que lhes garantirão as condições mínimas para a realização de seu intento. Como nossa atuação se dá na linguagem, buscamos inspiração em Eugenio Coseriu (1921-2002), que entende que a língua pode ser descrita da seguinte forma: o *sistema*, que é o conjunto de possibilidades de uma língua, definindo o que pode e não pode ser linguisticamente realizado; e a *norma*, conjunto de imposições sociais e culturais que favorecem o uso de determinadas possibilidades do sistema em detrimento de outras. Sistema designa o conjunto de elementos disponíveis para composição do objeto (em nosso caso, o texto/discurso); norma é a rubrica para o os arranjos possíveis dos elementos do sistema; todavia, a norma varia conforme a situação

comunicativa, sendo, portanto, plural e trazendo à tona o fenômeno da variação linguística. Esta define a norma apropriada para cada *uso* (situação). Isto é, os níveis de formalidade ou de informalidade, bem como a intencionalidade do falante e a adequação do texto à situação discursiva, determinam as formas adequadas à forma da comunicação. Em síntese, entre o possível (sistema) e o adequado há normas.

Como a comunicação eficiente implica não só entender as escolhas e combinações mais apropriadas às situações comunicativas, mas principalmente compreender o que significam, é preciso orientar os falantes acerca desses três componentes que operam simultaneamente na expressão linguística.

A variação da fala pode determinar inovações na norma, as quais, por sua vez, darão origem a mudanças no próprio sistema. Por conseguinte, um ensino pautado exclusivamente na norma culta (aqui tomada como sinônimo de *padrão*), hoje é um ensino artificial, distante da realidade. A partir da criação da sociolinguística (ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade) ou teoria da variação, pode-se dizer que foi William Labov, nos anos 1960, deflagrou investigações significativas sobre a variação linguística, revolucionando assim a compreensão de como os falantes utilizam sua língua. A partir dessas investigações torna-se claro que linguagem, cultura e sociedade são fenômenos inseparáveis; e para uma abordagem nessa perspectiva, a Sociolinguística se impõe como uma ciência multidisciplinar: estuda-se a língua a partir da fala e privilegiam-se as “orientações contextuais, ou seja, os lexemas estão inseridos em um contexto a partir do qual se conhece o sentido dos termos e sua aplicação no dia a dia daquela sociedade” (Alkmim, 2001, p.24). Em uma epígrafe proposta por Mendes (2013, p. 111), vemos:

Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala — a língua tal como é usada na vida diárias por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos (Labov, *Padrões sociolinguísticos*).

As considerações sociolinguísticas nos orientam no ensino da língua a nativos e não nativos, uma vez a língua que se aprende é aplicável à prática interacional cotidiana; logo, não basta conhecer a língua literária ou a norma culta presente nos textos técnicos, científicos e legislativos; é preciso conhecer — e preferencialmente desenvolver competência — (n)a língua em sua ampla possibilidade de realização. Em outras palavras, o sistema linguístico contém subsistemas, do que decorre uma pluralidade de normas que precisam ser conhecidas pelos falantes.

2. Base teórica

Orientada pelos parâmetros sociolinguísticos, desenvolvemos nossa comunicação sob a luz da gramática sistêmico-funcional de Halliday (2004) e da teoria da iconicidade de Simões (2009). Essas duas propostas teóricas consideram que a expressão linguística representa iconicamente o nosso modo de pensar e carrega marcas que nos individualizam, seja segundo a nossa posição geográfica (variação diatópica) ou mesmo faixa etária (variação diacrônica), seja mediante a inserção em um grupo social ou profissional (variação diastrática). Há ainda variações no estilo individual (variação diafásica), cujas marcas indicam a intencionalidade e a situacionalidade.

Para ilustrar, temos que a categorização em classes é expressa por um ou mais elementos funcionais: dêíticos, enumerativos, epítetos e classificadores (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 312). Esses elementos servem para identificar termos de diferentes sistemas no subsistema do grupo nominal, observando seus valores.

Ilustrando com um trecho em que alguns elementos são identificados em suas funções:

Naquele (dêítico – indica lugar) dia o ministro chegou de mau humor ao seu (classificador) gabinete, e imediatamente (dêítico – indica tempo) mandou chamar o diretor-geral da Secretaria.

Cumprindo observar que os elementos destacados, para além de seus valores semântico-gramaticais, também são signos icônicos, porque auxiliam a produção de uma imagem mental da cena narrada. Pode-se identificar o plano de fundo da cena a partir das palavras e expressões atualizadas no texto. São índices de hierarquia: *ministro, gabinete e diretor geral*; são ícones de autoritarismo e denunciam distância social entre os dois interlocutores.

Vamos à teoria da iconicidade verbal (doravante TIV).

Nesta perspectiva, vimos discutindo a legibilidade textual segundo a natureza do texto e as marcas expressivas (icônicas) e impressivas (indiciais) manifestas, sobretudo na seleção das imagens oriundas da combinação de signos verbais e não-verbais. Aliamos assim os estudos linguísticos aos semióticos tomando o texto verbal como signo sensível à audição ou à visão, por apresentar características correlatas às detectáveis nos textos ditos não-verbais. (Simões, 2009, p. 59)

Na ótica da TIV, a iconicidade lexical, a compreensão do texto tem relação direta com a habilidade/competência do enunciador na escolha do vocabulário com que produzirá seu texto. Segundo Simões (2009, p. 86), o projeto comunicativo que subjaz a qualquer interação produz uma energia mental capaz de ativar signos que possam representar (ícones) ideias ou conduzir (índices) o interlocutor à mensagem básica da comunicação. A iconicidade na representação do pensamento será tão mais icônica quanto mais proficiente for o enunciador; e a comunicação será tão mais efetiva quanto mais proficientes forem os interlocutores.

Assim sendo, é preciso promover não só sessões didáticas de leitura, por meio das quais os estudantes entrem em contato com novas palavras; mas também atividades de produção de frases (inicialmente) ou textos mais longos (posteriormente), para que o vocabulário seja incorporado na mente do falante. Ao mesmo tempo é preciso levá-lo a observar que, dependendo da situação comunicativa, da intimidade ou formalidade entre os interlocutores, a escolha vocabular será modificada. Veja-se a Tabela 1:

Pessoas do discurso	Informal	Formal	Ultra formal
Com quem se fala	Tu, você	Senhor(a)	Vossa Senhoria Vossa Excelência Vossa Eminência Etc.
De quem se fala	Ele(a)	Senhor(a)	Sua Senhora Sua Excelência Sua Eminência

Tabela 1. Formas de tratamento

Ademais dessas formas muito específicas, considerando o vocabulário geral da língua, é preciso ainda observar a adequação das formas à situação de comunicação, levando em conta o grupo social em que se insere o interlocutor, em especial no que concerne aos jargões profissionais. Veja-se a Tabela 2.

Referente	Geral	Medicina	Informática	Direito	Popular	Policial
Ser humano	Senhor/a Moço/a Menino/a	Paciente Cliente	Usuário/a Digitador/a Programador/a Analista	Parte Cliente Peticionário/a Requerente	Sujeito Tipo Cara	Elemento Indigitado/a Indiciado/a Suspeito/a
Mulher no período de gestação	Grávida Prenhe	Gestante	xxxxxx	Grávida Gestante	Prenha De barriga Enrolada	Grávida
Pessoa acima do peso saudável	Gordo/a	Obeso/a	xxxxxx	xxxxxx	Gordo/a Baleia Elefante Bolota Boi	Gordo/a Obeso/a

Tabela 2. Seleção vocabular como ícone de profissão

Como se pode observar, a língua atravessa a sociedade, e os grupos sociais criam formas de expressão particulares, em geral para acelerar a comunicação interna ou mesmo proteger a informação, tornando-a ininteligível para elemento externo ao grupo. Essa é a variação social.

No nível diafásico, verificam-se ainda formas melhorativas (que indicam

ou envolvem melhora; melhorativas, [*Houais, s.u.*]), que alindam a expressão, atenuando-a; e outras, as pejorativas (que exprimem sentido desagradável ou de desaprovação; depreciativo, [*Houais, s.u.*]). Estas tornam os textos pesados, grosseiros, constituindo-se como xingamentos, ofensas. Vamos aos exemplos:

Forma padrão	Forma melhorativa	Forma pejorativa
Gordo	Forte	Rolha de Poço, Baleia, Hipopótamo
Magro	Esbelto	Linguiça, Caniço, Esqueleto
Alto	Estatura acima da média	Comprido, Espanador da lua, Poste
Inteligente, aplicado	Gênio, Einstein, Nerd	CDF, Cabeção, Caxias
Esportivo	Bem-disposto, jovial, ativo	Bombado, malhadão

Tabela 3. Formas expressivas ou indiciais de afeto ou desafeto

Os exemplos da Tabela 3 são uma pequena mostra de usos expressivos do vocabulário. O falante deve estar atento à força indicial das formas no que tange à indicação de seu estado de espírito em relação ao interlocutor. Mesmo que se queira dissimular o agrado ou desagrado, a inadequada escolha vocabular poderá trair essa intenção.

A variação geográfica também é relevante, pois há palavras que numa região têm valor positivo e noutra, negativo. A forma *Paraíba* designa uma unidade federada brasileira; no entanto, em São Paulo e no Rio de Janeiro, *paraíba* (com inicial minúscula) é o nordestino que vem para o sudeste em busca de melhoria de vida. O gentílico *baiano* também passa por ressignificação e, no sudeste, ganha valor correlato ao de *paraíba*. O falante precisa se apropriar dessa variação.

Essa variação regional é tão intensa que cidades muito próximas podem ter variantes regionais perfeitamente definidas, como é o caso de Rio de Janeiro e São Gonçalo, em que um mesmo tipo de salgadinho (massa de pão recheada com presunto e queijo) é designado por vocábulos distintos: *joelho* (Rio de Janeiro) e *italiano* (São Gonçalo).

O brasileiro em geral gosta de café. Por isso, o hábito do cafezinho se espalha pelo país. Em São Paulo, o cafezinho é chamado de *carioca*, enquanto no Rio de Janeiro, essa bebida tem o nome simples de *café* ou pode ser pedido como *café preto*, para distinguir-se do *café expresso* ou simplesmente *expresso*.

Os nordestinos dão o nome *lapiseira* ao objeto que aponta o lápis e que no Rio se chama *apontador*. Nas outras regiões do Brasil, o objeto que serve como instrumento de escrita, usado muitas vezes no lugar do lápis, é o que se conhece como *lapiseira*. No nordeste, a *lapiseira* recebe o nome de *grafite*.

Segundo pesquisa para o Atlas Linguístico do Brasil (AlIB), na Região

Norte do Brasil 7), a noção de “pessoa que não gosta de gastar o seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar”, *pessoa sovina*, obteve as seguintes variações (Aragão, 2009, p. 7):

Item lexical	Pará	Amapá	Roraima	Amazonas	Acre	Rondônia
Mão de vaca	X	X	X	X	X	X
Pão duro		X	X	X		X
Mão-fechada			X	X	X	
Econômico			X	X		
Avarento			X	X		
Mão de nenê				X		
Mão de papagaio		X				
Sovina				X		X
Muquirana						X

Tabela 4. Variações lexicais para *pessoa sovina*.

Essas formas representam a ideia básica de *não gastar dinheiro*. Com o exemplário apresentado nas Tabelas, parece-nos ficar patente o quanto é rico o vocabulário da língua portuguesa do Brasil, por conseguinte o quanto é necessário conviver com variados textos de toda natureza, para que seja possível a apropriação da maior porção desse rico vocabulário.

A prática de ensino da língua segundo a variação

A aprendizagem escolar da língua visa à expansão da capacidade comunicativa dos indivíduos. Tanto os falantes nativos quanto os não nativos buscam a instrução linguística com vista a ampliar seu universo interacional. Embora sejam marcados os espaços didático-pedagógicos dos ensinamentos destinados à língua materna (L1) e a uma língua estrangeira (L2), é preciso perceber que uma dada língua — no caso a portuguesa — oferece variações mesmo no seio de sua comunidade nativa. Assim sendo, cumpre remodelar a prática pedagógica no sentido de tornar as aulas mais próximas da realidade dos falantes; por conseguinte, tornando-se mais interessantes em função de sua aplicação real no cotidiano de fala dos sujeitos. Dizendo de outra forma, as aulas de língua precisam levar em conta a multiplicidade de comunidades de fala e de situações comunicativas, para que os falantes percebam a relevância dessa aprendizagem.

Seguem exemplos de atividades cuja eficácia foi comprovada em aulas.

(a) Assinale qual a variedade utilizada nas frases a seguir.

Frases	Variedade linguística	
(a.1) <i>O servidor solicitou afastamento por encontrar-se enfermo.</i>	[] Técnico	[] Formal
(a.2.) <i>O homem foi à UPA cheio de dores.</i>	[] Regional	[] Popular
(a.3.) <i>U ômi foi vê o dotô pusqué tava cum dô.</i>	[] Formal	[] Regional.

(b) reescrever enunciados simulando um falante específico.

Reescreva o recado: “Manuel se atrasou porque estava com dor de cabeça”, conforme as indicações abaixo:

Filha	<i>Papai saiu atrasado porque estava com dor de cabeça.</i>
Médico	
Chefe da seção	
Policial	
Advogado	

Substitua as formas em destaque pelas que se adequam à variedade linguística predominante nas frases a seguir.

a – Possivelmente não iremos à festa. Lá, todos os convidados são <i>patricinhas e mauricinhos!</i>
R:
b - Nossa! Como meu pai é <i>careta!</i> Não permitiu que eu assistisse àquele filme.
R:
c – Os namoros resultantes da modernidade baseiam-se somente no <i>ficar.</i>
R:
d – E aí <i>mano?</i> Estás a fim de encontrar com uma <i>mina</i> hoje? A <i>parada</i> vai <i>bombar!</i>
R:
e – Aquela aula de matemática foi péssima, não <i>saquei</i> nada daquilo que o professor falou.
R:



Fonte:
<http://www.monica.com.br/index.htm>

Os personagens desse quadrinho falam de modo distinto.

Qual é a variedade praticada por:

a) Primo Zeca?

R: _____

b) Chico Bento?

R: _____

A que se deve essa diferença?

R: _____

Retomando os fundamentos, a teoria da iconicidade verbal, o vocabulário ativado nos enunciados nos fornece pistas de quem está falando. Por isso é necessário não só ampliar o vocabulário, mas especialmente saber empregá-los em situações concretas. O uso impróprio de palavras e expressões pode deixar o falante em situação difícil. Vejamos um exemplo.

Certo filólogo relatou um assalto sofrido e queixou-se da inércia de quem presenciou o evento. Eis o relato:

Caminhando nas proximidades da Quinta da Boa Vista, fui surpreendido por um indivíduo que me subtraiu a carteira e correu. Tentando obter ajuda, gritei: *Peguem-no! Peguem-no!* — mas ninguém atendeu minha súplica. [grifamos]

O exemplo anedótico (embora real) pode demonstrar o quanto é importante escolher as palavras (e expressões) certas. Numa situação de rua, a forma *peguem-no* não foi entendida pelos circunstantes porque se trata de um uso formal, conseqüentemente não ativa uma imagem mental que promova o entendimento. Se o indivíduo tivesse empregado uma forma coloquial como *peguem ele* ou *peguem o ladrão*, talvez tivesse recebido alguma ajuda, uma vez que o pronome *ele* é *dêitico* na indicação de pessoa, e a forma *ladrão* é *icônica* na representação da ideia de *malfeitor*; logo, alguma reação provocaria nos passantes.

Outro caso digno de nota ocorreu em uma delegacia de polícia. O suspeito, quando inquirido pelo delegado, tentando declarar-se inocente dirigiu-se à autoridade policial pelo tratamento *sua santidade*. Isso foi considerado desacato, e o sujeito foi preso sem mais delongas.

Um último caso se passou durante a lavratura de um auto de recuperação de veículo em uma delegacia da Zona Sul do Rio de Janeiro. O escrevente declarou: “O auto foi recuperado com avarias e as placas....” A proprietária pediu então que o agente policial corrigisse para sem as placas, acrescentando a preposição. O funcionário reagiu aborrecido e disse que isso era um mero detalhe e que, se a dona do veículo fizesse questão, o automóvel (*res furtiva*, *objeto do roubo*) seria então remetido para a Delegacia de Roubos e Furtos de Automóveis — DRFA (na Zona Norte da cidade). Para evitar esse transtorno, o advogado da proprietária recomendou que assinasse o auto para retirar o veículo imediatamente.

Para reemplacamento do veículo, foi de fato necessário o comparecimento à DRFA, para notificar que o carro foi recuperado *sem as placas*. Comprovou-se que a ausência da preposição não era um mero detalhe.

Acreditamos, portanto, na relevância do trabalho didático-pedagógico com o vocabulário da língua para que o estudante compreenda a necessidade de aprender mais e mais palavras a cada dia, para que se torne um falante capaz de interagir nas mais variadas situações cotidianas.

Referências bibliográficas

- Alkmin, T. (2001). Sociolinguística . In: F. Mussalin, & A. C. Bentes, *Introdução à linguística 1. 2 ed.* São Paulo: Cortez.
- Aragão, M. d. (2009). O léxico da região do Norte do Brasil. In: M. d. Aragão, *Estudos em lexicologia, lexicografia e terminografia* (pp. 73-86). Fortaleza: UFC.
- Halliday, M. A. (2004). *An Introduction to Functional. Revised by Matthiessen M. I. M. [1st ed. 1985]* (3 ed.). London: Edward Arnold.
- Mendes, R. B. (2013). Língua e Variação. In: J. L. Fiorin, *Linguística? Que é isso?* (pp. 111-135). São Paulo: Parábola.
- Simões, D. (2009). *Iconicidade Verbal: Teoria e Prática.* Rio de Janeiro: Dialogarts.
- Travaglia, L. C. (2003). *Gramática. Ensino plural.* São Paulo: Cortez Editores.